



Diagnosticando e Alertando sobre as Leveduroses Cérvico-Vaginais

Alexandre Fuentefria: Faculdade de Farmácia - UFRGS

Acadêmicos da Faculdade de Farmácia: Bruna Pires, Thayse Oliverira, Luciane Calil

O artigo tem como objetivo refletir sobre a experiência de extensão vivenciada, no período entre abril-dezembro de 2012, com pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS) do município de Porto Alegre que são encaminhados para realizar exames de rotina no Laboratório de Análises Clínicas e Toxicológicas (LACT) da Faculdade de Farmácia (UFRGS). O trabalho baseou-se na temática da prevalência, prevenção e tratamento da Candidíase Vulvovaginal (CVV)

e da Candidíase Vulvovaginal de Repetição (CVVR) na população brasileira, de forma simples e rápida.

De forma regular, todo o mês, foi entregue material informativo com linguagem clara e acessível sobre as doenças e após, por meio de questionários, buscamos o conhecimento básico que foi retido sobre o assunto. Ao final do exposto foi possível observar o desconhecimento de boa parte

da comunidade sobre os sinais e sintomas da CVV e da CVVR, assim como os seus fatores desencadeantes.

A partir do trabalho realizado foi possível intervir na população feminina, alertando sobre os diferentes tipos de candidíase, apresentando a prevalência e as formas de diagnóstico da doença. Estes dados, retirados de edições anteriores deste projeto de extensão, subsidiaram ações preventivas para detecção dos primeiros sinais da doença, auxiliando na não progressão da patologia.

Entendendo as doenças

A candidíase vulvovaginal (CVV) é uma inflamação que acomete a região genital, especialmente a vulva e a vagina, e é causada por leveduras do gênero *Candida*, as quais podem ser habitantes comuns desta região (ÁLVARES, 2007). A espécie mais comum é a *Candida albicans*, porém outras espécies como *C. tropicalis*, *C. glabrata*, *C. krusei*, e outras espécies do gênero, também podem causar a doença (MIRANDA et al, 2003). A candidíase recorrente ou de repetição (CVVR) é caracterizada por ter quatro ou mais episódios anuais da infecção, esta atinge cerca de 5% das mulheres em idade fértil. Apesar de vários estudos e avanços terapêuticos, ainda não há uma completa compreensão sobre sua causa e, portanto, ainda não há um tratamento definitivo (CARVALHO et al, 2003).

A microbiota vaginal, quando normal, é rica em lactobacilos que formam ácido lático a partir do glicogênio, cuja produção e secreção são estimuladas pelo estrogênio (RIBEIRO, 2007). Esse mecanismo propicia uma acidez adequada com pH entre 4 e 4,5 no ambiente vaginal, dificultando a proliferação da maioria dos patógenos, sendo a *Candida* uma exceção, pois prolifera-se neste ambiente (BOMBAREDELLI et al., 2007; VAL et al., 2001). É grande a importância do

conhecimento acerca de vulvovaginite causada por *Candida*, principalmente em virtude de sua frequência e de sua recorrência.

O tratamento com antibióticos e corticosteroides, diabetes mellitus, gestação e imunossupressão, são alguns dos fatores de risco para o estabelecimento desta vulvovaginite. Outros fatores discutidos são o uso de anticoncepcionais orais, dispositivo intra-uterino (DIU), sexo oral, alta ingestão de carboidratos e estresse (ÁLVARES, 2007)

A sintomatologia da candidíase depende de três fatores: o estado imunológico do hospedeiro, o meio ambiente da mucosa e a resistência aos antifúngicos pelo isolado de *Candida*. Por ser um



Figura 2: Pôster na sala de espera do Laboratório de Análises Clínicas na Faculdade de Farmácia.

Candidíase

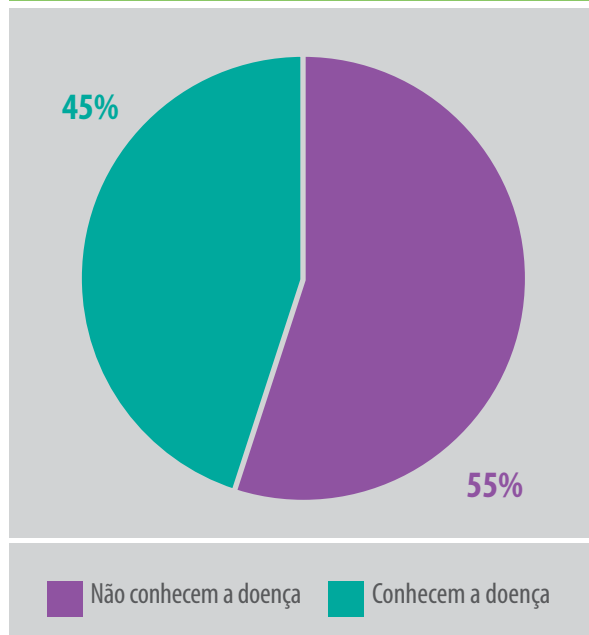


Gráfico 1: Percentual de conhecimento da candidíase em pacientes na sala de espera do Laboratório de Análises Clínicas da Faculdade de Farmácia da UFRGS.

fungo pseudo-dimórfico, a maioria das espécies de *Candida* (com exceção da *C. glabrata*) se apresenta sob a forma leveduriforme no estado saprofítico (colonização assintomática) ou na forma pseudo-filamentosa (pseudohifas), observada ao microscópio óptico exclusivamente no processo de patogenia sobre a mucosa vaginal (ÁLVARES et al., 2007).

A infecção caracteriza-se por prurido, ardor, dispareunia e pela eliminação de um corrimento vaginal em grumos, semelhantes à nata de leite (DE HOLANDA et al., 2007). Com frequência, a vulva e a vagina encontram-se edemaciadas e hiperemiadas, algumas vezes acompanhadas de ardor ao urinar e sensação de queimadura. As lesões podem se estender pelo períneo, região perianal e inguinal. O corrimento, que geralmente é branco e espesso, é inodoro e, quando depositado nas vestes a seco, tem aspecto farináceo (DE HOLANDA et al., 2007).

Diferença entre Candidíase Vulvovaginal e Candidíase Vulvovaginal de repetição

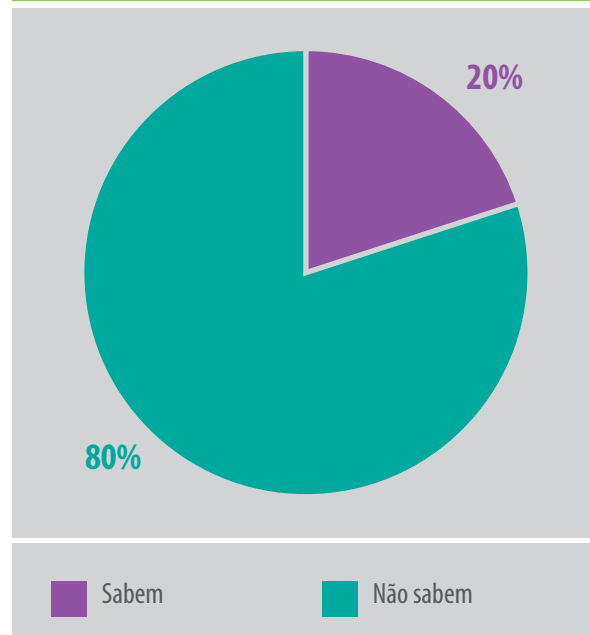


Gráfico 2: Representação da porcentagem de pessoas que sabem e que não sabem a diferença de CVV e CVVR.

O diagnóstico dos diferentes tipos de candidíase pode ser estabelecido pelos sinais e sintomas característicos, por exemplo, pela presença do fungo nas secreções e nos tecidos, pelo pH vaginal, através do aspecto e odor da secreção, e pela cultura do material clínico, onde são visualizadas as leveduras e hifas no exame microbiológico. A identificação dos diferentes gêneros tem por base suas características morfológicas em cultivo (MINAMI, 2003).

Baseado nessa importante temática de saúde pública, o presente projeto de extensão teve por objetivo alertar e promover a prevenção do agravamento da CVV e da CVVR em pacientes de diferentes postos de saúde do município de Porto Alegre, onde foram realizados exames complementares no Laboratório de Análises Clínicas e Toxicológicas da Faculdade de Farmácia (LACT/FACFAR/UFRGS).

Candidíase

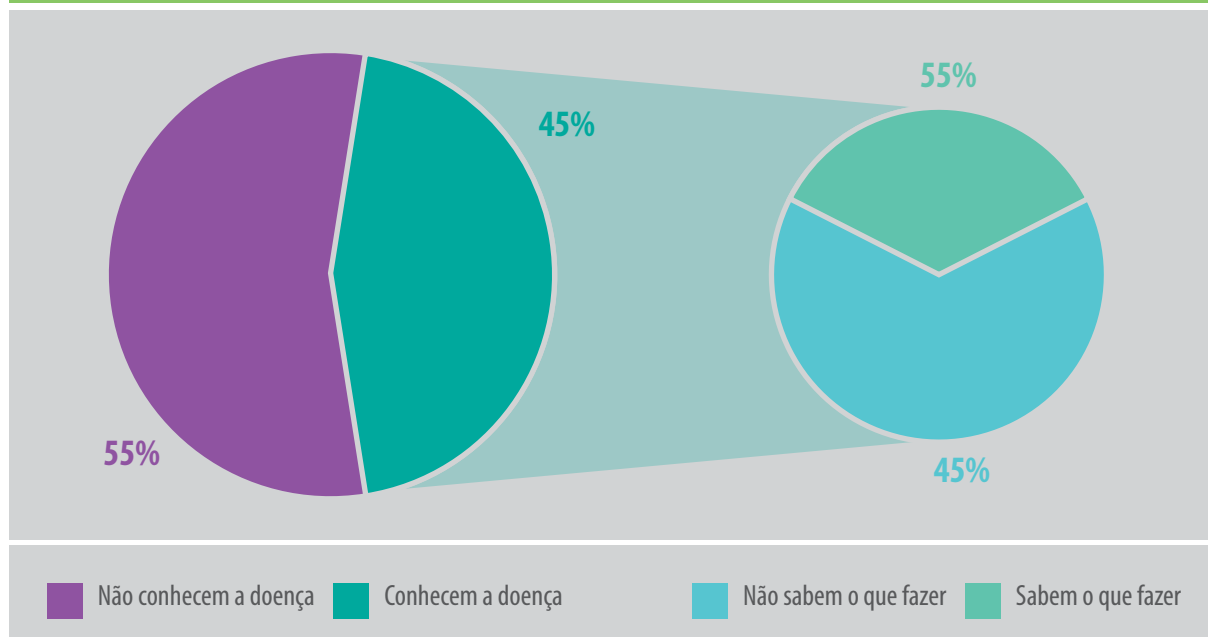


Gráfico 3: Pessoas que sabem ou não o que fazer quando estão com Candidíase (%).

Desenvolvendo o projeto

O projeto foi realizado na sala de espera do LACT/FACFAR/UFRGS onde diariamente quase uma centena de pacientes encaminhados por médicos dos Postos de Saúde da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA) aguardam aproximadamente 20 minutos para a realização de exames de rotina. Foram preparados diferentes folhetos informativos sobre Candidíase Vulvovaginal (CVV) e Candidíase Vulvovaginal de Repetição (CVVR), abordando patologia, cuidados, sintomas e tratamento da levedurose. Posteriormente, estes foram entregues às pacientes em um período de aproximadamente 30 minutos, uma vez por mês.

A atividade também abrangeu a aplicação de um questionário para um número de 20 pacientes com perguntas diretas e em uma linguagem acessível a fim de verificar o conhecimento

dos pacientes acerca do assunto abordado. A última etapa do projeto envolveu a apresentação de um pôster também na sala de recepção do LACT (Figura 1), elaborado com o intuito de realizar uma intervenção preventiva coletiva às pacientes no local. O que permitiu a discussão participativa e a apresentação das informações, ressaltando os sinais e sintomas clínicos da CVV e da CVVR.

A extensão apresentando resultados

A extensão universitária é uma atividade de mão dupla, troca conhecimentos com a sociedade que devolve contribuindo para a formação acadêmica. A reflexão sobre a ação coloca os docentes em posição importante como mediador dos conhecimentos em que troca informações de saúde no dia-a-dia.



Figura 3: Intervenção promotora de saúde através da apresentação de pôsteres.

O retorno obtido das pacientes na sala de espera foi extremamente satisfatório. Além de captarmos a atenção para o que estava sendo exposto, as pacientes concentraram-se também na leitura de folders informativos e participaram ativamente através de indagações à respeito da temática e de outras doenças genito-urinárias relacionadas. Muitas pacientes relataram sobre a negligência que normalmente é dada a assuntos como esse em locais de referência na prevenção, como os postos de saúde de suas comunidades. Para muitas pacientes a atividade de extensão foi um importante alerta, algumas, a partir dos sinais e sintomas das doenças apresentados nas atividades decidiram procurar atendimento médico.

Através dos questionamentos foi possível observar que muitas delas desconheciam a candidíase, não sabiam a diferença entre CVV e CVVR e também, não sabiam o que fazer quando estavam com sintomas da doença (Gráficos 1, 2 e 3.). Muitas pacientes achavam que os sintomas fossem fases de ocorrência normal na mulher, não considerando uma doença.

Foi esclarecido também que há como prevenir o desencadeamento de um quadro de candidíase vulvovaginal, principalmente se os primeiros sinais e sintomas forem detectados precocemente, assim como há tratamentos efetivos já disponíveis. Salientou-se também, a importância de um tratamento contínuo e completo, para evitar o desenvolvimento da resistência aos antifúngicos comercialmente vendidos e a emergência de espécies de *Candida* intrinsecamente resistentes.

Embora não se tenha um número exato de quantas centenas de pacientes o projeto de extensão alcançou na atividade intervencionista *in loco* na recepção do LACT, acredita-se que, com as apresentações e entrega de folhetos informativos, um maior número de pessoas ainda pôde tomar conhecimento acerca da doença, seus sintomas e possibilidades de recorrência. Como já relatado, em outras edições do projeto, diversas pacientes levaram folhetos informativos para entregar aos familiares e conhecidos da sua comunidade, permitindo assim a inserção do projeto além das fronteiras físicas da

Universidade. Nesse sentido, foi constatada a participação das pacientes, que atuaram como multiplicadores do conhecimento adquirido, possibilitando um exponencial alcance dos objetivos do projeto de extensão quanto ao alerta à sociedade sobre os sinais e sintomas precoces da CVV e CVVR.

Avaliando e dando continuidade

A importância deste projeto reside no fato de que a formação do aluno deve integrar conhecimentos técnico-científicos adquiridos na academia e o seu desenvolvimento na sociedade, o que se daria se não houvessem experiências como essas.

Para a equipe do projeto de extensão a atividade foi muito gratificante, além das pacientes serem informadas de forma simples, rápida e eficiente, os estudantes tiveram a possibilidade de desenvolver habilidades de comunicação em

linguagem coloquial sobre os aspectos clínicos e epidemiológicos da candidíase vulvovaginal. Desse modo, podemos afirmar que o projeto “Diagnosticando e Alertando sobre as Leveduras Cérvico-Vaginais”, em sua terceira edição, possui uma significativa relevância na formação acadêmica e na efetiva promoção da saúde e cidadania das pacientes do SUS atendidas pelo LACT em parceria com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre. O que vem contribuindo, de certa forma, também para o fortalecimento das ações de extensão desenvolvidas pela comunidade acadêmica da Faculdade de Farmácia.

Por último, consideramos que este projeto deve continuar prestando sua função na formação humanista do farmacêutico, visto que este tipo de metodologia extensionista ainda demorará muito a ser introduzido, de forma ideal, na formação curricular do curso de Farmácia. A ação de extensão, pelo contato direto do acadêmico com os problemas sociais, torna possível a vivência da assistência farmacêutica laboratorial na sua plenitude. ◀

Referências

- ÁLVARES, C. A.; SVIDZINSKI, T. L. E.; CONSOLARO, M. E. L. **Candidíase vulvovaginal: fatores predisponentes do hospedeiro e virulência das leveduras.** *Jornal Brasileiro de Patologia Medicina Laboratorial*. v. 43, n. 5, p. 319-327, out. 2007.
- BOMBARDELLI, M. F.; M., E. T.; S., T. I. E. Candidíase vulvovaginal na gravidez. *Revista da Federação das Associações de Ginecologia e Obstetrícia – FEMINA*. v. 35, nº 10, p. 651-655, out., 2007.
- CARVALHO L. P.; BACELLAR, O.; NEVES, N. A.; CARVALHO E. M.; JESUS, M. R. Avaliação da resposta imune celular em pacientes com candidíase recorrente. *Rev. Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*. Uberaba, vol.36, nº 5, set./out., 2003
- DE HOLANDA, A.A.R.; FERNANDES, A.C.S.; BEZERRA, C.M.; FERREIRA, M.A.F.; DE HOLANDA, M.R.R.; HOLANDA, J.C.P.; et al. Candidíase Vulvovaginal: sintomatologia, fatores de risco e colonização anal concomitante. *RBGO*. Rio de Janeiro, v.29, nº 1, p.3-9, 2007.
- MINAMI, S. P.; **Micologia: Métodos Laboratoriais de Diagnóstico das Micoses.** São Paulo: Manole, p.54-55, 2003.
- MIRANDA, K. C.; A., C. R. de; K., C. M. A.; L., J. de A.; C., L. K. H.; et al. Identificação de leveduras do gênero *candida* nas unhas e em descamação de pele em Goiânia (60), durante o ano de 2003. *Revista de Patologia Brasileira*. v. 34, n. 2, p. 123-128, mai./ago. 2005.
- RIBEIRO, A.A.; de OLIVEIRA, D.F.; SAMPAIO, M.C.N.; CARNEIRO, M.A.S.; TAVARES, S.B.N.; DE SOUZA, N.L.A.; FONSECHI-CARVASAN, G.A. et al. Agentes Microbiológicos em exames citopatológicos: estudo de prevalência. *RBAC*. Rio de Janeiro, v.39, n.3, p.179-181, 2007.
- VAL, I. C. C. & ALMEIDA FILHO, G. L. Abordagem atual da candidíase vulvovaginal. *Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*. Rio de Janeiro, v. 13, p. 03-05, 2001.